

TÉCNICA, TRABALHO, ACUMULAÇÃO E REORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO: O CASO DO CERRADO MATOGROSSENSE - BRASIL

Prof^a. Dr^a. Júlia Adão Bernardes *

Introdução

O presente trabalho encontra-se voltado para a análise dos impactos das inovações tecnológicas na (re)organização territorial das atividades, dos recursos físicos e humanos do país, num momento de transição paradigmática, no qual podem ser observados os rumos assumidos pela penetração da nova frente tecnológica e científica, de conseqüências marcantes para a divisão territorial e social do trabalho.

O traço mais marcante desse momento de transição é o processo de criação constante de inovações, ou seja, sua face modernizadora, de cuja administração depende a valorização relativa de lugares, capacitações técnicas, investimentos, atividades econômicas e contingentes populacionais.

Essas transformações vêm sendo acompanhadas mediante a observação dos processos novos que implicam em mudanças espaciais, nas áreas de expansão da soja em Mato Grosso. O processo está orientado para a busca da competitividade no agronegócio globalizado, centrando-se na expansão de uma agropecuária intensiva em capital e tecnologia, responsável por profundas mudanças nas relações de produção e trabalho. Além disso, o processo é espacialmente seletivo, selecionando áreas que respondam com maior rapidez as exigências do capital.

Os temas em pauta serão desenvolvidos a partir de suas relações com a economia mundial, que se expressa na frente científico-tecnológica, de conseqüências marcantes em relação aos recursos, à organização territorial das atividades e da população. Assim, as mudanças técnico-científicas aplicadas às atividades econômicas, observadas na escala mundial encontram sua redefinição no país, anunciando profunda mudança de papéis e potencialidades em vários espaços que conformam o país, exigindo uma reorganização da divisão social e territorial do trabalho.

A partir de vínculos mais estreitos do país na esfera internacional, na condição de país emergente, dos movimentos de adaptação e/ou de subordinação, a reestruturação dos vários espaços nacionais aparece como algo privilegiado na pesquisa, estando a transformação desses espaços vinculada aos referidos movimentos. O avanço da análise pressupõe, pois, a busca de novos elementos capazes de expressar esse novo momento na redefinição do espaço econômico nacional.

Portanto, as novas formas de organização econômica do território que vão se instituindo neste final de século, com base nas novas tecnologias, são indicativas do fortalecimento do processo de hierarquização dos investimentos, da concentração de riquezas, da maior seletividade dos espaços produtivos, da organização das "zonas especiais" de desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, da maior concentração do desenvolvimento social, aumentando ainda mais o apartheid tecnológico entre regiões pobres e ricas do planeta, acentuando cada vez mais a tendência histórica para a diferenciação espacial em todas as escalas (SMITH, 1988). "São desigualdades de um tipo novo, já por sua constituição, já por seus efeitos sobre os processos produtivos e sociais" (SANTOS, 1994:51).

Nesta fase histórica, sob o impulso de novos sistemas técnicos que aceleram o processo de desigualdade, novos fatores influenciam no processo de reprodução do capital, à medida que as informações, a tomada de decisões, a circulação de mercadorias e de capitais são mundializadas, assim como as expectativas de realização humana, o que entra em contradição com a dinâmica, hoje também acelerada, de exclusão das forças sociais. Nesse contexto o espaço é requalificado segundo os interesses dos atores hegemônicos da economia e da sociedade (SANTOS, 1994).

O desenvolvimento tecnológico, que é contínuo (LANDES, 1994), parece encerrar em si mesmo a capacidade de transformar e ampliar os espaços produtivos e sociais, implicando em maior centralização do exercício decisório e controle da totalidade do processo de reprodução do sistema capitalista, subordinando as demais decisões, imprimindo maior dinamismo à estrutura produtiva, contraindo o tempo de produção e acelerando o processo de transformação do espaço de forma seletiva. Assim, a inovação e a mudança técnica explicam em grande parte a produção do espaço, o que nos remete às relações sociais responsáveis pela produção e reprodução desse espaço.

Com a introdução de novas tecnologias, reestruturam-se continuamente os espaços da produção, exacerbando-se as especializações produtivas, modificando-se as relações de produção, especialmente as relações de trabalho, estimulando a concorrência entre os trabalhadores, enfraquecendo, assim, sua organização coletiva, tornando-os mais vulneráveis à manipulação por parte dos capitalistas, em geral,

* Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia

ocorrendo a redução da participação dos custos do trabalho no total dos custos da produção, resultando na queda do salário real.

É nesse contexto de reestruturação geral do sistema capitalista, de esgotamento do fordismo e de emergência de novos padrões tecnológicos, que podemos compreender a reestruturação do espaço produtivo que vem se configurando no cerrado matogrossense, impulsionado pela dinâmica de reprodução do capital e, a partir desta, apreender a nova organização da sociedade e as novas relações emergentes, onde o antigo conceito de identidade territorial ou cultural vai aos poucos cedendo espaço ao novo conceito de identidade econômica, deslocando a noção de local para a de mundial, através da auto-realização econômica e social (GIDDENS, 1991).

O processo de expansão da soja no cerrado

No início dos anos 70, com o objetivo de abastecer os centros urbanos e de incentivar a exportação de produtos não tradicionais, o governo brasileiro colocou em ação programas que se constituíram no sustentáculo do desenvolvimento que se iniciava no Brasil Central, desencadeando uma política que visava o aumento da produção e da produtividade em atividades agropecuárias e que se vinculava ao Programa de Corredores de Exportação.

A criação de infra-estrutura para o desenvolvimento da agropecuária regional se deu com a criação de instrumentos como o PRODOESTE e o POLO CENTRO (1975), que previam a ocupação racional dos cerrados e seu aproveitamento em escala empresarial, com apoio no crédito favorecido.

A terra barata nos anos 70 havia facilitado os investimentos, os incentivos concedidos pela SUDAM, as linhas especiais de crédito criadas pelo governo para estimular a ocupação dos grandes espaços vazios nas áreas de fronteira agrícola, atraíram os investidores, tudo isso favorecido por determinadas condições naturais, onde se destaca a intensa luminosidade e a topografia. Nos anos 80 o esteio da economia na região Centro-Oeste, onde se destaca Mato Grosso, era a soja.

Empresários experientes do sul do país se deslocaram para a região dispondo de instrumentos técnicos que aumentavam o seu poder, imobilizando importantes recursos de capital, seja em termos de instalações, maquinaria e equipamentos, seja em infraestrutura, empenhados na construção de uma nova ordem econômica e social. Tratava-se de aproveitar as vantagens de localização em escalas mais amplas, que permitiam mudanças na magnitude da produção e nos níveis de produtividade, possibilitando a manipulação estratégica das diferenças territoriais. O resultado foi o aumento considerável dos volumes de produção e de negócios, embora a custo da diminuição da quantidade de trabalhadores. Atualmente a produtividade é o conceito-chave nesta realidade.

O "boom" da expansão da soja em Mato Grosso, assim como as transformações decorrentes da mesma, concentraram-se em curto espaço de tempo. Em apenas quinze anos, 1985 a 2000, a produção matogrossense foi incrementada em 311%, alcançando na safra 99/2000 a posição de segundo maior estado produtor de soja do país, com um total de 6,8 milhões de toneladas, participando com 22% da produção nacional. No mesmo período a soja ocupa em Mato Grosso aproximadamente 2,5 milhões de hectares, contribuindo com 20% do conjunto nacional.

Apesar do significativo aumento da área cultivada, a magnitude da difusão espacial no tempo não revela correspondência com os índices registrados para a produção. Assim, entre 1985 e 2000 a produção registrou um crescimento de 311% contra 220% da área, revelando forte tendência à aplicação de elevados níveis tecnológicos no sistema produtivo.

Efetivamente, esses espaços concentradores da produção têm sido palco de concentração de recursos e de implantações tecnológicas e condicionadores de articulações econômicas e técnicas que se difundem espacialmente, resultando em elevados níveis de rendimento. Apesar das dificuldades que o quadro natural do cerrado apresenta, na safra 1999/2000 Mato Grosso apresentou o maior rendimento médio do país, em torno de 2.800 kg/ha, enquanto a média do país se situava em 2.417 kg/ha.

A diminuição da produção de soja do sul do Brasil, tradicional área de produção, ocorreu na medida em que outras opções em regiões com vantagens competitivas acarretaram o deslocamento geográfico da produção de grãos, implicando na migração do parque agroindustrial. Além da produção de soja, a produção de milho e algodão revelam evolução crescente, devendo-se reconhecer a existência de vários tipos de atividades produtivas em articulação.

Portanto, a produção de grãos em Mato Grosso, centrada na soja, bem como a da região Centro-Oeste, que participa com 42% da produção nacional, contribui de maneira significativa para alavancar a pauta de exportações brasileiras. Vale ressaltar que o Brasil se destaca na safra 1999/2000 como o segundo produtor mundial, produzindo 19,6% do total, correspondendo a 30.050 mil toneladas. No mesmo período as exportações em grão representaram 8.917 mil toneladas, as de farelo 10.430 mil toneladas e as de óleo 1.433 mil toneladas, registrando uma receita em torno de 3.733 milhões de dólares.

A materialização da técnica

O sistema capitalista vive uma fase de reestruturação de seus mecanismos de acumulação, estando as novas formas de produção cada vez mais apoiadas na revolução tecnológica em curso. Assim, o modo de produção atual apresenta determinados arranjos tecnológicos, através dos quais o trabalho transforma a matéria para gerar um produto, de forma a obter excedente a partir de maior produtividade. A obtenção de maior produtividade hoje consiste na qualidade do conhecimento, ou seja, o desenvolvimento informacional mobiliza novos conhecimentos que constituem o pressuposto do aumento da produtividade (BERNARDES, 1996).

Nesse contexto de transformação que aponta para a importância da ciência e da técnica no processo de organização do território e para a inevitabilidade do monopólio/oligopólio, surgem novas territorializações em função das potencialidades específicas de determinados lugares, redefinindo os espaços tradicionalmente utilizados nos processos produtivos. Os complexos agroindustriais da soja em Mato Grosso, constituem reflexo dessas novas potencialidades.

Nesses complexos, que envolvem múltiplas atividades, o valor agregado ao produto permite alcançar um diferencial mercadológico em relação a outras regiões, fazendo com que a área cresça, não apenas apoiada em um único produto. Se essa região econômica não possui um quadro natural suficientemente adequado à soja, que constitui a fonte geradora de novas atividades, o que importa é que a mesma possui os ingredientes essenciais para participar com sucesso dos atuais fluxos de atividade econômica.

As práticas que contribuem para garantir os diversos projetos nessa fronteira, geram um padrão espacial que revela que essas áreas funcionam como incubadoras de atividades com forte sinergia local, implicando numa reorganização do espaço segundo as novas exigências, passando a apresentar maior conexão com unidades de pesquisa, com mão-de-obra qualificada, aproveitando as possibilidades que as novas tecnologias de comunicação oferecem. Essa organização deriva da eficiência da iniciativa privada, com capacidade de alto nível de manipulação racional do meio ambiente.

O desenvolvimento técnico-científico foi o instrumental que possibilitou uma manipulação mais eficiente dos recursos naturais no cerrado matogrossense. Os avanços alcançados em rendimento médio resultam da organização do espaço agrário em termos de variedades geneticamente adequadas às condições do cerrado, da dependência de insumos, especialmente no que se refere a fertilizantes e herbicidas, além do uso de máquinas e implementos modernos.

Os insumos que mais oneram o custo da produção no Sistema Plantio Direto são os fertilizantes, que participam com 45,52% do custo total, seguidos pelos herbicidas, com 29,10% e, pelas sementes, com 13,61% (EMBRAPA, 1999). Pode-se, pois, avaliar o peso desses insumos nos custos da produção e os desafios a serem enfrentados para tornar as empresas competitivas no mercado mundial.

A inovação mecânica, a físico-química e a biológica, utilizadas de forma coordenada, superam as barreiras naturais e aumentam a velocidade de circulação do capital, redimensionando a produtividade do trabalho e elevando o rendimento médio. Como assinala GRAZIANO DA SILVA (1981), essa é uma estratégia para aumentar a produção sem expandir a propriedade.

Enquanto o uso de sementes melhoradas e outros insumos constitui a base do processo que leva o capital a superar as barreiras naturais, as inovações mecânicas contribuem para a ampliação da escala de produção. Sem um forte aporte tecnológico em termos de máquinas e equipamentos adequados, os avanços na produção de soja e no níveis de rendimento teriam sido mais modestos. Nesse sentido, devemos chamar a atenção para a importância das dimensões na escala de produção, uma das vantagens comparativas que a região oferece, correspondendo a essa escala significativo nível de concentração da terra.

Os levantamentos sobre a estrutura fundiária revelam que, enquanto em 1985 a área de soja dos proprietários acima de 1000 ha ocupava 68,28% da área total de soja, em 1996 esse percentual se elevou para 77,70%, indicando acentuado nível de concentração da terra. A nível de país, em 1996 o produtor de soja ocupava uma área média de 38,02 ha, ao passo que em Mato Grosso essa área correspondia a 633,62 ha, elevando-se para 4.426,20 hectares em se tratando da categoria proprietários situados no segmento superior a 1000 hectares.

Portanto, a necessidade de acumulação, que leva a uma franca expansão geográfica do capital na produção de soja no cerrado, exige contínuos investimentos para criar o ambiente adequado para a produção. Assim sendo, as condições naturais acabam sendo relativizadas, não constituindo maior obstáculo ao desenvolvimento da soja no cerrado. A concentração e a centralização do capital nesse ambiente construído levam a um nivelamento das condições.

Numa região de fronteira, distante dos grandes centros consumidores, para colocar o produto no mercado de forma a competir é necessário diversificar e integrar atividades. No programa de diversificação de cultivos se destaca o do algodão, cuja produção em 1999 atingiu 205.400 ton., correspondendo a 42% da produção nacional, apresentando elevados níveis de rendimento médio, em torno de 2.895 kg/ha. Cabe ressaltar que é em Mato Grosso que se desenvolve o maior programa de pesquisas da América do Sul na área do algodão.

A soja e o algodão destacam-se entre os produtos agrícolas suscetíveis de adição de valor agregado através da transformação industrial, constituindo o desdobramento de atividades uma das formas de redução dos custos. As empresas processadoras de oleaginosas operam principalmente na soja, contando com uma capacidade diária de 8.330 ton/dia em 1995, distribuída por 5 empresas localizadas em Cuiabá e Rondonópolis. A capacidade do parque de esmagamento instalado, nessa época correspondia a 24% do país.

Entretanto, a Archer Daniel Midlands (ADM), uma das maiores indústrias de esmagamento, vem realizando investimentos para ampliar sua capacidade. Por sua vez, a CEVAL (BUNGE BORN), vai aplicar até o ano 2003, um total de 100 milhões de dólares na construção de novas indústrias em Mato Grosso e na ampliação das já existentes. A meta da CEVAL é aumentar sua atual capacidade, situada em 1,3 milhão de toneladas, para 3,5 milhões, beneficiando 45% da soja produzida em Mato Grosso, devido aos estímulos dos incentivos fiscais oferecidos pelo governo estadual.

Na indústria de esmagamento a soja é processada e transformada nos seus produtos mais nobres, que são o óleo e o farelo, sendo este utilizado principalmente na elaboração de rações para alimentação animal, especialmente de aves, suínos e bovinos. As empresas que operam na agroindústria da soja tendem a diversificar, já que o valor agregado no mercado de alimentos é maior, conferindo, no conjunto, maior rentabilidade ao capital aplicado.

Deve-se ressaltar o novo caráter imposto pelo desenvolvimento do complexo agroindustrial da soja à atividade pecuária. Além da implantação da atividade em novos moldes, vêm ocorrendo profundas transformações na pecuária tradicional como consequência da intensificação de suas relações com os novos segmentos da agroindústria, comerciais e financeiros, passando por um processo de reestruturação. A suinocultura constitui um outro projeto de integração de atividades onde tudo é planejado e controlado, não só incorporando como criando tecnologia, constituindo uma linha de montagem biológica.

Enfim, nesse contexto de ampla reestruturação de atividades e de criação de novas, associada à aplicação de novas práticas tecnológicas, se instituem novos circuitos de mercadorias, de capital, de pessoas e novas formas de gestão do território, acarretando significativas mudanças no arranjo espacial.

No que se refere aos sistemas aperfeiçoados de comunicação e ao fluxo de informações, que possibilitam a redução do tempo e redefinem a espacialidade dos circuitos de produção, pode ser detectado todo um movimento de incorporação desses sistemas no cerrado matogrossense, permitindo que a região possa acompanhar a velocidade das transformações e incorporar os elementos que facilitam sua competitividade no mercado internacional, o que em parte se expressa na materialização das redes virtuais acopladas às redes físicas em elementos tais como portos, aeroportos, satélites de transmissão, equipamentos de comunicação, etc.

Essa reestruturação técnico-científica da organização do espaço capitalista, associada ao desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação, gera um espaço de novos fluxos e fixos, instituindo novos circuitos de mercadorias, capital e pessoas, de gestão e de controle. Além dos aspectos vinculados diretamente à produção, a região procura desenvolver as condições de integração em uma dinâmica de mercado.

A implantação das novas redes de comunicação busca garantir as articulações com a grande corporação setorial, introduzindo maior velocidade nas transações comerciais e financeiras, aumentando a rapidez e o volume dos fluxos, tentando reduzir o tempo e custo da circulação de modo que o capital possa retornar rapidamente à esfera de produção, fazendo com que a acumulação se realize em menor tempo.

A visão tecnocrática

Essa face da técnica que acabamos de analisar é a sua face mais aparente. Essa leitura do moderno ainda é precária, mas frequentemente nos detemos nela porque, estando situados nesse paradigma, nos sentimos impossibilitados de sair do mesmo. Analisamos tudo como determinado por esse pressuposto: é a técnica de administrar a mão-de-obra, de se apropriar dos espaços, dos fluxos, de instituir novos elementos no território, de controlar a organização do campo, etc. Não atingimos o âmago da técnica, a sua essência, porque só pode ser alcançado quando o lado humano é contemplado.

Na exposição feita até aqui a técnica não pode ser compreendida em sua plenitude, porque só foi examinado o seu aspecto mecânico, animado pelo ideário positivista, uma técnica que não se aproxima dos direitos, porque falta examinar o modelo como processo.

Mas a técnica não é só materialidade, e aí percebemos um dos limites da pesquisa geográfica, já que absorvemos o pensamento tecnocrático fazendo uma leitura que não privilegia o ser humano e a complexidade, não conseguindo ler para fora do esquema, para além do nível material. Nossa capacidade de reconhecer a inovação se resume na sua materialização na forma de técnica. Porém, usar o espaço de outra forma é inovação, fazer outro tipo de análise do espaço que supere as formas, também. Estamos presos a uma visão utilitarista e funcionalista, intrínseca do pensamento dominante. Contudo, se não ultrapassarmos a escala do instrumento, somos máquina.

É necessário transpor a concretude, uma vez que a matéria é a parte mais superficial. Mais do que matéria, a técnica é também abstração, altera sentidos e possibilita a atribuição de sentidos. A técnica é o conjunto de valores e ações comportamentais orientadas por valores culturais.

É em função do acesso desigual à técnica, às coisas, que é alterado o sentido da vida, que mudam as possibilidades das pessoas, com repercussão nas formas de dominação. "Quando percebemos que a técnica é mais que o objeto, podemos escapar do produtivismo e do economicismo" (RIBEIRO, 2000).

Os novos eixos de expansão em Mato Grosso

No que diz respeito à logística, as formas e condições de acesso aos mercados interno e externo constituem dificuldades para a colocação da soja de Mato Grosso a nível competitivo, uma vez que a produção se afasta dos tradicionais portos e centros consumidores.

Se a capacidade empresarial no complexo da soja está amplamente demonstrada, se os problemas de ordem tecnológica foram superados, o peso do custo do transporte na composição global de custos da soja e seus derivados afeta o sucesso da expansão, já que as condições de mobilidade entre centros de produção e consumo constituem um fator desfavorável à competitividade (BERNARDES, 1996).

A matriz de transporte de cargas para Mato Grosso indica que 56% do transporte se faz via rodoviária, encontrando-se 80% da malha em péssimas condições, colocando a região do cerrado em desvantagem comparativa em relação a outras regiões. Nesse contexto, o sistema ferroviário aponta com novas alternativas, a exemplo da Ferronorte (5 mil km), ligando a região Centro-Oeste e a Amazônia aos portos das regiões Sul e Sudeste.

Tratando-se do modal hidroviário, um dos menos utilizados, apesar de apresentar as maiores vantagens econômicas, o Projeto Hermasa, vinculado ao Grupo Maggi, um dos maiores produtores e comercializadores de soja de Mato Grosso, se destaca como uma das mais recentes articulações. Recentemente implantado, já se encontra em fase inicial de funcionamento, constituindo um novo corredor de exportação através da hidrovia Madeira-Amazonas para escoamento da produção da parte oeste do estado de Mato Grosso.

Um outro eixo de exportação será implantado quando for realizado o asfaltamento da BR-163, que liga Cuiabá a Santarém (PA). Nesse sentido, o grupo Maggi está articulando grandes tradings como a Cargill, Bunge, Dreyfus, Sumitomo, Mitsui e ADM, para realizar o asfaltamento dos 938 quilômetros da rodovia em direção a Santarém, a qual deverá ser privatizada. A abertura deste novo eixo proporcionará uma diferença de 20 dólares no frete por tonelada de soja, incentivando a implantação de agroindústrias, já que essa região produz hoje cerca de 3 milhões de toneladas de grãos por ano.

Estimulado por uma política tributária e incentivos fiscais, este novo eixo expansão significa incorporação de novas áreas ao processo produtivo, de novas possibilidades produtivas, de ampliação dos fluxos e da velocidade do deslocamento, assim como da transmissão da informação, possibilitando a participação em âmbitos de comercialização mais amplos, instituindo no território as condições que mais favoreçam o processo de acumulação. Nesse contexto, as ONGs ambientalistas pressionam o governo, considerando que os impactos ambientais acarretarão custos elevados ao patrimônio natural.

Esta logística, esta distribuição das coisas, das pessoas, em relação a um plano racionalmente traçado com vistas à reprodução de um mesmo processo, realizado dentro de um espectro de ação econômica, implica num cálculo com o propósito de reduzir os custos. Como podem as empresas reduzir os custos para serem mais competitivas? Para tanto, devem dispor da "disposição". Existem poderes de "disposição" que estão em mãos alheias, os quais é preciso conseguir. Como, por exemplo, se pode dispor da clientela? Retirando-a de outros, quer seja pelo roubo, pela guerra, pela coação, pelas chantagens emocionais ou pela ideologia. Quanto mais os empresários puderem dispor dessa "disposição", mais podem racionalizar e ser eficientes. Quanto mais os empresários puderem dispor da totalidade do crédito, do mercado, da força de trabalho, mais realizados estarão.

Diagnosticar as utilidades técnicas e perceber quem pode dispor de quê para ter uma produção racionalmente orientada, como fontes de energia, saberes, instalações, infra-estruturas, etc, significa entender a natureza desse poder que permite que a economia se realize. Significa instituir o futuro, que é uma característica da modernidade. Assim, as grandes empresas planejam, pensando no futuro com as condições do presente. Constroem projetos e disputam o futuro que desejam, que pode ser altamente competitivo, tecnificado, etc. Logo, quem tem projeto decide, estabelece as regras e implementa, pois sem projeto não se disputa a hegemonia (RIBEIRO, 2000).

Técnica e trabalho

Marx já afirmava que o capitalismo era uma força revolucionária e permanente que só podia existir com a condição de revolucionar constantemente os meios de produção e, portanto, as relações de produção e demais relações sociais. E foi nessa base que o capitalismo conseguiu se reinventar até chegar ao nível atual, em que o resultado no que se refere às relações de produção é a modificação dos vínculos capital/trabalho (BERNARDES, 1996).

As mudanças em curso, vinculadas às características dos novos equipamentos, abrangem novos conceitos de tempo. Enquanto o tempo das velhas técnicas e práticas de trabalho era lento, o tempo das novas técnicas é rápido e os atuais trabalhadores devem responder de forma distinta às questões do espaço e do tempo, já que o centro da atual modernidade é um tempo técnico, de precisão máxima. As atuais mudanças abrangem novos conceitos de eficiência, um novo modelo de gerência e organização das empresas, menores requerimentos de mão-de-obra por produto e um distinto perfil de qualificação, esperando-se que o trabalhador seja polivalente. Sem dúvida, esse processo tem efeitos negativos em matéria de emprego absoluto.

Entretanto, deve-se considerar que, sobretudo no terceiro mundo, as formas tayloristas e toyotistas ainda se mesclam, e que a maioria dos trabalhadores aí se encontram. Embora cada vez mais o trabalho morto substitua o trabalho vivo, não se conseguiu eliminar a necessidade do último. O trabalho morto imbricado com o trabalho vivo, expressa as mudanças nas grandes empresas. Hoje os capitalistas utilizam somente frações do trabalho. É a forma pela qual se dá a centralidade do trabalho abstrato que cria a não centralidade do trabalho (ANTUNES, 2000).

Temos situações extremas na periferia: existe trabalho ultra qualificado e trabalho nada qualificado, os vejos são excluídos e as crianças são incluídas, a exemplo das atividades de produção de carvão em Mato Grosso, complementares às atividades principais. Os índios também são incluídos, como é o caso da tribo Pareci na Chapada dos Parecis, os quais passaram a produzir em sua reserva soja para as grandes empresas locais, com riscos para sua cultura original. Hoje há uma similitude entre trabalho e mercadoria, o sentido de que tudo se joga fora, tudo é desperdício, diminui o tempo de vida útil, ambos são supérfluos.

Com a flexibilização dos mercados de trabalho, abrindo espaço para novas formas de contratação da mão-de-obra, o contrato já não representa, como afirmava MARX, o tempo de trabalho socialmente

necessário para produzir uma mercadoria, mas uma certa quantidade de informação. Nas unidades produtivas que integram o complexo da soja foi possível detectar práticas de flexibilidade próprias das grandes empresas, seja na organização da firma, na gestão ou na organização do trabalho, no intuito de dar respostas aos atuais problemas do crescimento econômico, levando à ruptura com os padrões anteriores no que se refere às relações capital/trabalho (BERNARDES, 1996).

Deve-se considerar que, no Brasil, as relações de trabalho do Estado Providência quase não se instituíram, existindo há pouco tempo e para poucos, o contrato social não é cumprido, havendo hoje desinstitucionalização, destruição de âmbitos, o valor trabalho está perdendo seu caráter ordenador da sociedade, já que o mesmo está vinculado ao estar no mundo. O trabalho já não é mais ordenador da educação, do comportamento, dos códigos e da religião. O código tradicional, que era muito importante para o trabalhador, está sendo alterado e substituído por outros. Há uma parte desses valores e códigos que vão desaparecendo e outra parte que está nascendo, e que ainda desconhecemos. É um âmbito muito difícil, onde uma parte é eliminada e outra é criada (RIBEIRO, 2000).

É particularmente interessante fazer notar alguns aspectos relacionados à força de trabalho ocupada nas atividades agropecuárias da região em estudo. Em 1996 o número de pessoas envolvidas com a produção de soja em Mato Grosso era relativamente pequeno, em torno de 10.078 pessoas, quando comparado aos maiores produtores do Sul, como o Paraná, que ocupava 255.938 trabalhadores e o Rio Grande do Sul, que utilizava o trabalho de 522.927 pessoas, o que deve estar associado à técnica utilizada e ao tamanho das lavouras. Como vimos anteriormente, a excessiva concentração da propriedade em Mato Grosso, implicando no uso intensivo de técnicas, faz com que um número reduzido de pessoas seja envolvido na produção, correspondendo a menos de 2% da PEA rural.

Em geral a mão-de-obra permanente, mais especializada, é proveniente da região centro-sul do país, seja em virtude da escassez de qualificação na região, ou porque é um elemento humano mais sintonizado com certa técnica. A mão-de-obra braçal, em geral temporária, requisitada em menores volumes no sistema de terceirização, é em parte recrutada no local, mas sobretudo na região nordeste, para onde é devolvida após o término das operações.

A propensão a buscar os trabalhadores braçais na região nordeste e levá-los de volta, significa uma redução de custos à medida que esses trabalhadores só são ocupados em certas tarefas temporárias, evitando, assim, problemas sociais provocados pelo desemprego na maior parte do tempo. Assim, a intensidade e globalidade das interligações aumenta, mais se agiliza a mobilidade territorial, já que a distância entre os lugares se encurta.

Como vimos anteriormente, qualificação, pouco emprego, desemprego, emprego precário, mobilidade, são as características da força de trabalho nas condições técnicas atuais, e o problema que se coloca é se os trabalhadores estarão no futuro. Esta é a angústia dos países periféricos, pois transcender o presente pressupõe capacidade de projetos (RIBEIRO, 2000).

Assim, a reordenação do capitalismo devido ao processo de acumulação necessita de novas formas de organização do trabalho, que dará lugar a novos direitos e a uma nova forma de organização da classe trabalhadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de incorporação de Mato Grosso ao meio técnico-científico-informacional resulta numa aceleração da implantação de novos fixos e ações. Nessa realidade extremamente dinâmica se acelera o movimento que torna esse local individualizado, enquanto espaço concreto da produção, porém simultaneamente socializado no âmbito da mundialidade, enquanto sistema de produção e circulação, fazendo com que “a cada momento, mudem juntos o tempo, o espaço e o mundo” (SANTOS, 1994:41). Tal processo envolve a alteração violenta da vida material, a negação do que as culturas locais podem trazer de positivo e a desvalorização do agir tradicional.

A presença do agir está dirigida para um universo diferente de valores, trazendo um olhar que se volta para uma produção racionalmente orientada, significando dispor de certa "disposição". É um agir que traz a idéia de utilidade, transformando pessoas, saberes, instituições, lugares, natureza, em meios, em utilidades técnicas em relação a um plano racionalmente traçado, de maneira a reproduzir o processo de acumulação. Nesse agir tudo se dirige ao futuro. Contudo, devemos reconhecer que nossos conhecimentos e conceitos ainda são pouco amadurecidos e estáveis para realizar sínteses mais aprofundadas.

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, R. (1999). Adeus ao trabalho. São Paulo. Cortez Editora.
- AUBERTIN, C. (Coord.). (1988). Fronteiras. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília.
- BERNARDES, J. A. (1996). "As estratégias do capital no complexo da soja". In: CASTRO, I. E. de, GOMES, P.C.da C. e CORREA, R. L.(Coord.). Brasil: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.
- CARLOS, A. F. A. A. (1996). O lugar no/do mundo. São Paulo. Ed. Hucitec
- CASTELLS, M. (1986). El desafio tecnológico. Madrid, Alianza Editorial.
- GIDDENS, A.(1991). As consequências da modernidade. São Paulo, Ed. UNESP.
- GRAZIANO DA SILVA, J. (1981). Modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro, Zahar Editora.
- HARVEY, D. (1993). Condição pós-moderna. São Paulo, Editora Loyola.
- KOSÍK, K. (1995). Dialética do concreto. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra.
- LANDES, D. S.(1994). Prometeu desacorrentado. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira.
- NEGROPONTE, N. (1995). A vida digital. São Paulo, Companhia das Letras.
- OFFE, C. (1995). Capitalismo desorganizado. São Paulo, Editora Brasiliense.
- RIBEIRO, A. N. T. (2000). Notas de aula do curso "Teorias da Modernização"
- RIBEIRO, A. C. T. e SILVA, C. .(1997). "Impulsos Globais na metrópoles da periferia capitalista. 6º Encontro de Geógrafos de América Latina, Buenos Aires, Argentina.
- SÁNCHEZ, J.E. (1995). "Harmonious development or exclusion from productive circuits"?. Conferência apresentada no Simpósio Internacional Desenvolvimento Sustentável e a Geografia Política, promovido por IGU/UGI/LAGET, RJ, Out.95.
- SANTOS, M. (1994). Técnica, espaço, tempo. São Paulo, Hucitec.
- _____ (1996). A natureza do Espaço. São Paulo. Hucitec
- _____ (2000). Por uma outra globalização. Rio de Janeiro. Ed. Record
- SMITH, N. (1988). Desenvolvimento desigual. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.